

**João Pinharanda, 2003**

**DIÁLOGO PARA UMA VOZ**

«- Um dia entramos numa sala e não encontramos nada dentro dela. No entanto, sentimos que nela nada mais cabe, que estamos a mais.

- Como assim?

- Percebemos que alguma coisa ali nos ameaça. Percebemos que alguma coisa vai acontecer e que isso vai determinar o nosso futuro.

- O futuro nunca tem uma direcção única. Como podemos saber que se trata do futuro e que ele nasce de uma ameaça?

- Porque nesse dia, nessa sala vazia, recordamos todas as salas de todas as casas onde a nossa vida foi vivida, todos os gestos e todos os desgostos, todas as faltas e todos os desejos, todos os olhares e lugares de todas as coisas, todos os odores, todos os prazeres.

- Isso é o passado. Só se esquecermos tudo isso. Nesse dia, isso sim, podemos ter o futuro.

- É o mesmo: esquecer, recordar; um dia, outro dia... Essa experiência acontece em sucessivos, intensos e curtos momentos de que só nos apercebemos depois. Mas esse instante pode durar o resto dessa vida, da nossa vida. Por isso é futuro. Só depois de tudo lembrarmos, percebemos ter esquecido coisas, ter perdido coisas... tudo, tudo...

- Nada resta? Nada nos resta?

- Esquecemos tudo porque sentimos ter ficado sem nada daquilo com que se constrói o nosso corpo, sem nada daquilo que podemos recordar e mesmo sem nada daquilo que podemos desejar e inventar para nós: o passado, os desejos.

- E o que faz a mulher que ouvimos passear por detrás da cortina desse quarto onde entramos? Entrará neste outro palco onde estamos? Sabe da nossa presença? Manda-nos chamar? Está presa dos seus próprios passos julgando-se sozinha e num lugar sem saída? Mas podia afinal fugir para o lado de cá!

- O que ouvimos não está do lado de lá, está do lado de cá. Nada é exterior. Tudo é interior. Tudo nos é interior: desenrolamos um fio de sangue no labirinto onde nos fecharam, sentimos uma dor muda, nos olhos roda um fumo de cigarro devagar.

- Pode ser exactamente o inverso disso: ficarmos, um dia, com a certeza de que tudo o que existe está, afinal, fora de nós, fora da sala onde nos encontramos, fora da vida que vivemos, sempre para lá de uma cortina de cena que nunca se levantará. Só então podemos esquecer tudo ou tudo recordar. Essa mulher é um novelo de correntes e pesos que não somos nós. Com esses fios de aço se medem os espaços da sua prisão e da nossa liberdade.

- Somos e não somos essa mulher. Esses dilemas não importam. Não há diferenças entre o diferente: de facto, a mulher está dividida por um fio cortante. Tudo está dentro dela e tudo está fora dela. Uma angústia a divide ao meio com gume fino. Quase podíamos dizer que lhe vemos as entranhas. Ou que ela mesma se vê deitada numa mesa de dissecação.

- De facto. Não há outro interior para além daquele que os órgãos descrevem.

- Nesse caso, todas as emoções sentidas, e as que os outros julgam presentir, são reacções químicas para as quais não há trabalho que encontre palavras.

- Uma vida assim reduz-se a uma listagem. A mulher perdeu a memória: o passado e o futuro. Acumula diários onde mede territórios, regista ambientes e atitudes, objectos, elementos e formas. Não está vazia. Apenas não há vazio fora dela, tudo está presente.

- Essa mulher não tem corpo?
- Ela define as fronteiras da sua vida: o corpo, a casa, o trabalho, os objectos. Não se trata de uma presença nem física nem psicológica, mas de uma pura expressão emocional.
- O desejo não tem recuo?
- Não tem recuo, não tem palavras, não tem defesa. É essa neutralidade que destrói os sentidos.
- Vive sem expressão, sem história, sem finalidade?
- A vida torna-se um *ready-made*. Mas ao apresentar-se assim, sem desculpas, a mulher nega a mediocridade onde nós ainda nos continuamos a debater.
- Por tudo isso é que a mulher da sala ao lado já entrou, já está a falar connosco.
- Não. A mulher guarda-se, a mulher não dá, a mulher esconde, não se oferece. A mulher usa um padrão de comportamento que nega a universalidade e a partilha.
- Uma mulher assim é um lugar fechado. Tem à sua frente um espelho: repete-se nele infinitamente, morre.
- Não, porque cada um dos seus modos de repetição é um desvio de resultados. Não há espelho, há sombra. E então, cada objecto em que toca se desmancha em planos, formas, cores sempre diversos.
- Por exemplo, ela levanta a cortina. O que acontece?
- A cortina tomba ou esvoaça. O vento agita-a ou ela pesa como um manto encharcado. Passa uma nuvem pesada, uma delicada Verónica cobre um corpo, cai no chão um trapo sujo.»

**Catálogo *Diálogo Ana Vieira + Patrícia Garrido*, Lisboa, Galeria Giefarte, 2003**

**Catálogo *Ana Vieira: Muros de Abrigo / Shelter Walls*; Ponta Delgada [Açores], Museu Carlos Machado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, pp. 215-216 (org. Paulo Pires do Vale)**

---